

Leia os textos a seguir e utilize-os para a solução das questões propostas.

Texto I

Poesia expressa na era da pressa

Se quase não temos mais tempo para ler romances no mundo da pressa, da TV, do cinema e dos videogames, então é tempo de ler poesia? Viveríamos hoje a vingança da poesia, o seu dia D, o momento propício para seu retorno a um mundo tão violentamente prosaico? A questão foi lançada pela ensaísta americana Camille Paglia, numa animada entrevista publicada pelo caderno Mais!, da Folha de São Paulo, e a revista Cláudia me repassa inesperadamente a bola, perguntando: a poesia ganha uma importância nova na era da internet? Ela tem mais chance num mundo como o nosso? De fato, de um ponto de vista puramente quantitativo, como diz Camille, um romance consome dias ou semanas de nosso tempo, exigindo uma atenção continuada, num mundo em que tudo em volta faz com que nossa atenção se interrompa e se disperse em mil assuntos. Já um poema pode ser lido em minutos, às vezes em segundos. O poema é uma autêntica pílula literária, em cuja concentração Camille Paglia vê a possibilidade de uma revitalização da literatura em nosso tempo.

Considero que exaltar a poesia é sempre bom, assim como apostar na força dela: por que não? E o que a ensaísta americana está fazendo é, de fato, mais uma aposta muito afirmativa no poder da poesia do que um raciocínio automático e simplório que dissesse: como não temos tempo para ler romances, leremos poemas!

A questão que ela está colocando, na verdade, é: precisamos aprender – ou reaprender – hoje a ler poesia. Lembremos que no Brasil a questão é ainda mais embaixo, porque lemos muito pouco, pouquíssimo, seja poesia, seja prosa, e precisamos, portanto, aprender a ler, no sentido mais amplo da palavra. Mas, dito isso, vamos voltar ao começo e retomar a pergunta: de quanto tempo precisamos, de fato, para ler um poema? Quanto tempo ele nos pede?

Aqui a resposta tem que ser parecida à daquele pintor que, perguntado sobre quanto tempo levava para pintar um determinado quadro, respondeu, cheio de razão: a vida inteira. Não nos enganemos, portanto, sobre a rapidez da poesia: um poema pede que a gente dê a ele a nossa vida inteira naquele instante. Em outras palavras, um poema exige pouco do nosso tempo horizontal, cronológico e linear. Ele exige tudo do nosso tempo vertical, aquele que vai bater lá no sem fundo da lembrança, na aura sutil dos afetos, na dor e no espanto de existir, e na descoberta de que as palavras, que nos parecem naturais, não param de dançar um jogo infinito. O poema exige um tempo intenso, em outra dimensão – por isso ele não é óbvio nem fácil, embora se entregue com súbita facilidade a quem se entrega a ele e o descobre de repente.

Carlos Drummond de Andrade, o nosso poeta maior, declarou certa vez, citando Rainer Maria Rilke (poeta austríaco) que “para escrever um só verso é preciso ter visto muitas cidades, homens e coisas, conhecer os

animais, sentir como voam os pássaros e saber que movimento fazem as flores ao se abrirem pela manhã; é preciso ter a lembrança de mulheres
45 sofrendo na hora do parto, de pessoas morrendo, de crianças doentes, de diferentes noites de amor; e depois é preciso esquecer tudo isso, esperar que tudo isso se incorpore ao nosso sangue, ao nosso olhar; que tudo isso fique fazendo parte de nós”.

Isso que a poesia pede ao poeta, nas palavras de Drummond, pede
50 também da sensibilidade do leitor, a seu modo, no momento da leitura. Fernando Pessoa diz que para se entenderem os símbolos poéticos são necessárias, antes de mais nada, a intuição e a simpatia do leitor: é preciso que o leitor vibre junto com o poema, dê força ao poema, seja cúmplice do poema e adivinhe o poema. O poema é uma avenca, uma planta sensitiva,
55 que definha com um olhar torto. Mas também é uma fênix exuberante, que renasce quando irrigada. Porque bebe daquilo que o leitor lhe oferece em nudez interior, em despojamento de tudo que é o já sabido, em desprendimento de conceitos e preconceitos.

.....
Penso, por exemplo, num poema tão simples, de Manuel Bandeira,
60 como **A onda**:

“A onda anda
aonde
anda a onda?
A onda ainda
65 ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda
70 a onda.”

Um leitor prosaico e ressecado, incapaz de lembrar que ele mesmo é um organismo todo feito de ondas – de ar, de fluidos, de energia, de desejos, de impulsos da alma – dirá: mas que tremenda falta de assunto! Ele não terá na verdade tempo algum de disponibilidade para essas poucas e
75 iluminadas palavras. Como diria Fernando Pessoa, o poema está morto para ele, e ele, morto para o poema.

Mas o leitor poético que há em nós, e mesmo que sem qualquer pretensão intelectual, reconhecerá de imediato as ondas do mar dançando na música das palavras. Tomado de simpatia, e intuindo que aquela vibração
80 não lhe é estranha, embarca na onda e no jogo. E, consciente disso ou não, sente que a onda anda numa pergunta em círculo, procurando um lugar que não é nenhum lugar senão a própria onda. Que não há repouso senão no movimento. Que a vida só se apóia no seu moto-perpétuo, perguntando-se sobre seu destino e tendo como resposta a si mesma.

.....
85 Em suma, a poesia, pela sua brevidade, pela sua rapidez, pela sua leveza, parece participar daquele ritmo que Ítalo Calvino (escritor italiano) queria para o presente milênio. Ao mesmo tempo, ela continua sendo a

estranha e mais que nunca a excluída desse mundo onde a publicidade ocupou todos os espaços para dizer que a posse das mercadorias
90 permanentemente descartadas e o *status* conferido ao possuidor são a solução da existência. Nesse sentido, a vontade de afirmar a poesia, como faz Camille Paglia, não deixa de atritar, cheia de energia, com o mundo que banuiu dele a poesia, na prática e não há pouco tempo. No seu primeiro livro, Alguma Poesia, em 1930, Drummond já dizia: “Impossível escrever um
95 poema a essa altura da evolução da humanidade”. Mas terminava o mesmo poema dizendo: “Desconfio que escrevi um poema”.

WISNIK, José Miguel. **A poesia expressa na era da pressa**. São Paulo: Revista Claúdia. Ed Abril, julho 2005, adaptado.

Texto II

Para fazer um soneto

Carlos Pena Filho

Tome um pouco de azul, se a tarde é clara,
e espere pelo instante ocasional.
Neste curto intervalo Deus prepara
e lhe oferta a palavra inicial.

Aí, adote uma atitude avara:
se você preferir a cor local,
não use mais que o sol de sua cara
e um pedaço de fundo de quintal.

Se não, procure a cinza e essa vagueza
das lembranças da infância, e não se apresse,
antes, deixe levá-lo a correnteza.

Mas ao chegar ao ponto em que se tece
Dentro da escuridão a vã certeza,
Ponha tudo de lado e então comece.

Texto III

O sobrevivente

Carlos Drummond de Andrade

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.
Impossível escrever um poema - uma linha que seja - de verdadeira poesia.
O último trovador morreu em 1914.
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.
Se quer fumar um charuto aperte um botão.
Paletós abotoam-se por eletricidade.
Amor se faz pelo sem-fio.
Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a *O Jornal* que ainda falta
muito para atingirmos um nível razoável de
cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.

Os homens não melhoram
e matam-se como percevejos.
Os percevejos heróicos renascem.
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

(Desconfio que escrevi um poema.)

SECCHIN, Antônio Carlos. **Antologia temática da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004.

1ª QUESTÃO**Valor: 4,0 (0,4 cada item)**

1.1. Assinale a oração que melhor substitui a que se segue:

“Viveríamos hoje a vingança da poesia, o seu dia D, o momento propício para seu retorno a um mundo tão violentamente prosaico?” (texto I, linhas 3 e 4)

- (A) Seríamos testemunhas, hoje, do renascimento do hábito de ler poemas, embora convivamos em uma época extremamente vulgar?
- (B) Conquistaríamos, atualmente, tempo para ler poesia, ignoraríamos os demais meios de diversão de um mundo excessivamente violento?
- (C) Conviveríamos, em nossos dias, com a vingança dos leitores de poesia em ocasião favorável para suas consolidações, em um mundo prolífero de prosaísmos?
- (D) Assistiríamos, diariamente, à fama inesperada da poesia, propícia em um mundo fanático por textos em prosa?

1.2. Assinale a opção que **não** corresponde às idéias veiculadas no texto I.

- (A) A poesia é capaz de revitalizar a literatura, mesmo num mundo apressado.
- (B) Qualquer poema pode ser compreendido em minutos, ou até em segundos.
- (C) Em um poema cabe a vida inteira de um poeta.
- (D) O poema escrito revive, a cada leitura, diante da cumplicidade do leitor.

1.3. Wisnik compara os tempos humanos ao conceito de linha horizontal e vertical, utilizado na geometria espacial. Segundo ele,

- (A) horizontal é o tempo cronológico, e vertical, o tempo da intensidade.
- (B) horizontal é o tempo passado; vertical, o presente e o futuro.
- (C) horizontal é o tempo presente, e vertical, o tempo passado.
- (D) horizontal é a intensidade na utilização do tempo; vertical, o tempo das lembranças.

1.4. O pronome demonstrativo grifado na oração “**Isso** que a poesia pede ao poeta” (texto I, linha 49) refere-se às

- (A) palavras de Fernando Pessoa.
- (B) palavras de intuição e simpatia do editor.
- (C) palavras de Rainer Maria Rilke.
- (D) citações do próprio José Miguel Wisnik.

1ª QUESTÃO**Continuação**

1.5. A figura de linguagem presente em “as palavras... não param de dançar...” (texto I, linhas 35 e 36) também aparece em

- (A) “O poema é uma autêntica pílula literária...”. (texto I, linhas 13 e 14)
- (B) “A onda anda...”. (texto I, linha 61)
- (C) “... não há repouso senão no movimento”. (texto I, linhas 83 e 84)
- (D) “Desconfio que escrevi um poema”. (texto I, linha 96)

1.6. Observe a acentuação gráfica da palavra **ensaísta** (texto I, linha 5) e, a seguir, assinale a opção que contenha, pelo menos, um vocábulo cuja acentuação obedeça à mesma regra.

- (A) propício, pouquíssimo, literária
- (B) existência, excluída, impossível
- (C) necessárias, apóia, intuição
- (D) perpétuo, energia, rainha

1.7. Entre a sugestão de leitura de poesia (texto I) e sua escritura (texto III), Drummond sinaliza, em **O sobrevivente**, que

- (A) por viver em um mundo “inabitável” (texto III, 4ª estrofe), o homem está cada vez mais sensível.
- (B) o mundo está complicado demais para abrir espaço para a simplicidade da poesia.
- (C) a poesia é capaz de devolver a sensibilidade ao homem.
- (D) apesar de toda a tecnologia, ainda há espaço para a poesia no mundo.

1.8. O vocábulo **Aí** (texto II, 2ª estrofe) poderá ser substituído, sem perda de seu valor semântico, por

- (A) neste lugar.
- (B) então.
- (C) como conseqüência.
- (D) “Ponha tudo de lado”. (texto II, 4ª estrofe)

1.9. A última estrofe do texto II sugere que a matéria do poema é a

- (A) certeza.
- (B) dúvida.
- (C) infância.
- (D) vida.

1ª QUESTÃO**Continuação**

1.10. Observe o verso:

“Tinha um nome de que ninguém se lembra mais”. (texto III, 1ª estrofe)

Assinale a opção que, após a substituição do segundo verbo, possui incorreção na regência verbal.

- (A) Tinha um nome em que ninguém acredita mais.
- (B) Tinha um nome que ninguém ouve mais.
- (C) Tinha um nome de que ninguém fala mais.
- (D) Tinha um nome a que ninguém confia mais.

2ª QUESTÃO**Valor: 6,0****PRODUÇÃO ESCRITA**

Escolha uma das opções abaixo e faça um texto dissertativo em torno de 40 linhas.

1. Discorra sobre a preferência de leitura dos jovens de hoje: poemas, romances, jornais ou outras... Há tempo para uma leitura atenta no dia-a-dia do estudante?
2. Segundo alguns autores, o homem supera as limitações da condição humana por meio da arte. Você concorda com esta afirmação?
3. O texto I começa com uma pergunta: “Se quase não temos mais tempo para ler romances no mundo da pressa, da TV, do cinema e dos videogames, então é tempo de ler poesia?” Responda, utilizando-se de argumentação coerente, a essa pergunta de Wisnik.